



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

**Francisco Vieira da Costa Filho**

**TRANSFORMAÇÕES RECENTES  
NO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO NO BAIRRO JOSÉ  
AMÉRICO, JOÃO PESSOA-PB.**

**João Pessoa - PB  
Março/ 2014**

**Francisco Vieira da Costa Filho**

**TRANSFORMAÇÕES RECENTES  
NO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO NO BAIRRO JOSÉ  
AMÉRICO, JOÃO PESSOA-PB.**

Monografia apresentada ao Departamento de Geociências, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>, MsC. Ana Glória  
Cornélio Madruga.**

**João Pessoa - PB  
Março/ 2014**

**C837t Costa Filho, Francisco Vieira da.**

**Transformações recentes no uso e ocupação do solo no Bairro José Américo, João Pessoa-PB. / Francisco Vieira da Costa Filho.- João Pessoa, 2014.**

**42f. : il.**

**Orientadora: Ana Glória Cornélio Madruga**

**Monografia (Graduação) - UFPB/CCEN**

**1. Geografia urbana. 2. Urbanização. 3. Planejamento. 4. Verticalização. 5. Ocupação do solo - Bairro José Américo (João Pessoa-PB).**

**UFPB/BC**

**CDU: 911.375(043.2)**

## **AGRADECIMENTOS**

Reservo este espaço para agradecer as pessoas e as instituições que certamente contribuíram de alguma forma não só para essa pesquisa, mas também para a minha graduação.

Neste sentido, agradeço:

Em primeiro lugar a Deus, pelo fortalecimento que me dá a cada dia para vencer barreiras e seguir sempre confiante na vitória.

Aos professores do Departamento de Geografia, em especial a professora Ana Madruga minha orientadora;

À turma de Geografia 2009.2 por ter me proporcionado momentos de alegria e amigos para a vida toda: Luiz Sena, Hugo Carvalho, José Joelison, Ricardo Souza, Jairo, Michel Gomes, Julliane, Simone, Alexandre, Charles Pontes.

As minhas irmãs Amanda, Alice, Franciane, Tamara e Beatriz que me ajudaram, a me manter firme nas conquistas de meus objetivos;

Ao Centro Comunitário do Bairro José Américo por importantes dados e informações históricas, e atuais, sobre o bairro;

As pessoas entrevistadas que não mediram esforços para colaborar com informações que me ajudasse em minha pesquisa;

Minha Família tios e primos, por sempre estarem ao meu lado nos bons e maus momentos; E, por fim, aos meus queridos pais, Francisco Vieira da Costa e Raimunda Sônia Ferreira de Souza Costa, por terem sempre me incentivado a estudar, além do respeito que tiveram por mim, na maioria das vezes, em relação as minhas escolhas na vida.

*Dedico este trabalho especialmente aos meus Pais, por sempre acreditarem em mim, e pelo apoio que nunca me foi negado. Nesta hora de Concretização de mais um sonho quero que saibam de minha enorme gratidão. Dedico também à memória de minha irmã Alice Maria, que nos deixou esse ano, te amo irmã.*

## RESUMO

O presente trabalho procura estudar algumas problemáticas da geografia urbana a partir da compreensão do processo que promove as recentes mudanças no bairro José Américo e suas extremidades. Sabemos que o processo de urbanização ocorrido no país trouxe diversas dificuldades para as grandes cidades brasileiras, em João Pessoa não foi diferente. Esse crescimento urbano trouxe grandes problemas, como a grande expansão da malha urbana municipal sem planejamento nas últimas décadas, também o processo de verticalização e o aumento acentuado da valorização dos imóveis, fatos esses que afetam muito os bairros da capital Paraibana. No geral esses problemas são comuns às grandes cidades brasileiras. E todos estão inseridos no Bairro José Américo.

**Palavra-Chave:** Geografia Urbana.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Fig. 1: Primeiras casas entregues no Conj. Hab. Nova República.....</b>	<b>Pg.12</b>
<b>Fig. 2: Projeto Minha Casa Minha Vida PB.....</b>	<b>Pg.16</b>
<b>Fig. 3: Avenida Hilton Souto Maior Bairro J. Américo.....</b>	<b>Pg.27</b>
<b>Fig. 4: Igreja Católica São José, Bairro J. Américo.....</b>	<b>Pg.28</b>
<b>Fig. 5: Cemitério Parque das Acácias.....</b>	<b>Pg.29</b>
<b>Fig. 6: Pequeno aglomerado de oficinas na Av. Hilton Souto Maior.....</b>	<b>Pg.31</b>
<b>Fig. 7: Comunidade Laranjeira.....</b>	<b>Pg.33</b>
<b>Fig. 8: Esgoto a céu aberto, R. Rosa de Paula Barbosa.....</b>	<b>Pg.34</b>
<b>Fig. 9: Viaduto Cristo Redentor (“Sonrisal”).....</b>	<b>Pg.36</b>
<b>Fig. 10: BR-230 Viaduto Cristo Redentor, ou “Sonrisal”.....</b>	<b>Pg.36</b>

## **LISTA DE MAPAS**

<b>Mapa. 1: Mapa da Cidade da Parahyba.....</b>	<b>Pg.18</b>
<b>Mapa. 2: Localização da área de estudo.....</b>	<b>Pg.21</b>
<b>Mapa. 3: Carta Topográfica do Bairro J. Américo Déc. De 1970.....</b>	<b>Pg.23</b>
<b>Mapa. 4: Imagem digitalizada do Bairro J. Américo no período de 1970.</b>	<b>Pg.24</b>
<b>Mapa. 5: Imagem de satélite do bairro J. Américo para o ano de 2010..</b>	<b>Pg.25</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

**BNH** - Banco Nacional da Habitação.

**FCP** – Fundação Casa Popular.

**INOCOOP** - Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais.

**NBR 9284** – Norma Brasileira Sobre Equipamentos Urbanos.

**PAIH** - Plano de Ação Imediata para a Habitação.

**SFH** - Sistema Financeiro de Habitação.

**SIG** - Sistema de Informações Geográficas.

**SUDENE** - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>Pg.8</b>
<b>1 – A QUESTÃO DA HABITAÇÃO URBANA NO BRASIL.....</b>	<b>Pg.10</b>
1.1 – Histórico das políticas nacionais para a habitação no Brasil.....	<b>Pg.10</b>
1.2 – Políticas nacionais para habitação a Partir de 1990.....	<b>Pg.14</b>
<b>2 – FORMAÇÃO DO BAIRRO JOSÉ AMÉRICO.....</b>	<b>Pg.17</b>
2.1 João Pessoa; processo de urbanização.....	<b>Pg.17</b>
2.2 A historicidade e a construção do Bairro José Américo-PB.....	<b>Pg.20</b>
2.3 Localização da área de estudo.....	<b>Pg.21</b>
2.4 Evoluções da Paisagem no Bairro José Américo.....	<b>Pg.22</b>
2.5 A morfologia urbana do Bairro José Américo.....	<b>Pg.26</b>
<b>3 – CARACTERÍSTICAS GERAIS DA ÁREA DE ESTUDO.....</b>	<b>Pg.30</b>
3.1 A população do José Américo.....	<b>Pg.30</b>
3.2 As atividades econômicas.....	<b>Pg.31</b>
3.3 Ocupações irregulares do Bairro José Américo.....	<b>Pg.32</b>
3.4 As deficiências dos equipamentos urbanos.....	<b>Pg.34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>Pg.37</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>Pg.38</b>

## INTRODUÇÃO

Apesar da cidade de João Pessoa ser a terceira cidade mais antiga do Brasil, há uma falta de estudos sobre a urbanização de seus bairros. Dessa forma, estudar o uso e ocupação do solo urbano é de extrema importância para a compreensão da paisagem atual do Bairro, além de sua dinâmica. Localizado no município de João Pessoa, esse bairro, assim como outros do município, originou-se de um conjunto habitacional promovido pelo Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais (INOCOOP), e a sua inauguração ocorreu em março de 1978.

O Bairro de Mangabeira foi usado como parâmetro devido à proximidade, a semelhança na forma como surgiu, além de sua importância econômica para o bairro José Américo.

Perante aos fatos citados, este trabalho contribui para o fortalecimento de material bibliográfico referente ao alto crescimento urbano de parte da cidade de João Pessoa, mas especificamente na zona sul do Município, considerando as transformações recentes no bairro José Américo.

No Geral, essa pesquisa tem como objetivo norteador analisar a influência do processo de urbanização em João Pessoa, e as mudanças recentes no uso e ocupação do solo do bairro José Américo, para isso realizamos:

- Uma análise da influência e do processo de urbanização em no Brasil e em João Pessoa, como de suas mudanças recentes no que diz respeito ao uso e ocupação do solo do bairro José Américo;
- A Busca da influência que teve a construção do bairro José Américo para os Bairros limítrofes;

Para a realização deste estudo foram utilizadas técnicas de análise da paisagem e duas bases espaciais:

- Carta topográfica da SUDENE.
- Imagem de satélite do Google Earth e Quickbird.

Já em seu Objetivo Específico, ele busca estudar e obter informações ou dados precisos sobre impactos causados no seu uso, e nas ocupações regulares e irregulares do bairro, tendo como referência o Bairro de Mangabeira e Água Fria, usando as ferramentas por tecnologia avançadas em meio computacional, com o uso do software do ArcGis.

A base utilizada nesta pesquisa se fundamentará no Materialismo Histórico Dialético, as quais utilizarão documentos e informações do passado da área a fim de compreender e relacionar com a situação visualizada no presente.

A pesquisa pretende seguir dois vieses: o primeiro pelo método analítico com indicadores ambientais bem como as relações existentes com os moradores locais. O segundo viés será através do método sintético, interpretando as conexões existentes entre todos os elementos do sistema.

Os processos técnicos metodológicos vão consistir nos seguintes pontos: Levantamento bibliográfico, Registros fotográficos, Entrevistas com os moradores do bairro e Pesquisas em campo.

No primeiro período será feito o levantamento bibliográfico sobre os conceitos e questões com base em artigos científicos, livros, jornais, teses dissertativas, referente ao tema do presente trabalho. No segundo período, a pesquisa de campo será feita, com observação direta da região, para a coleta de dados da área, sendo realizadas entrevistas com antigos moradores.

## **1 – A QUESTÃO DA HABITAÇÃO URBANA NO BRASIL**

A questão da habitação pode ser considerada, na atualidade, um dos principais problemas sociais urbanos do Brasil. Esses problemas são sempre reivindicados da mesma forma como problemas de infraestrutura (saneamento, asfaltamento, etc.), construção de moradias para atender ao número gigantesco de famílias sem casa própria e além das obras de urbanização em áreas periféricas e favelas.

É importante perceber como os atuais problemas urbanos, em especial aqueles relacionados à habitação, refletem um século de políticas que não consideraram a população mais pobre ou, em alguns períodos, nem existiram.

Nesse sentido, torna-se oportuno uma retomada histórica da questão da habitação urbana no Brasil, com destaque para algumas políticas e projetos do Estado para tentar enfrentar essa questão social.

### **1.1 Histórico das políticas nacionais para habitação no Brasil**

No fim do século XIX, no Brasil, há vários acontecimentos que influenciaram a ampliação e a formação dos espaços urbanos no país. O fim da escravidão fez com que milhares de negros fossem expulsos do campo e migrassem para a cidade. Ao mesmo tempo em que, imigrantes europeus chegaram ao Brasil para trabalhar no campo e também na indústria brasileira. Esses fatores provocaram o aumento da população nas cidades, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, fato que acarretou uma demanda por moradia, transporte e demais serviços urbanos, até então inédita (MARICATO, 1997).

Inicialmente, a primeira medida do governo brasileiro foi oferecer crédito às empresas privadas para que elas produzissem habitações. Entretanto, os empresários não obtiveram lucros com a construção de habitações individuais, devido à grande diferença entre os preços delas e das moradias informais; alguns passaram a investir em loteamentos

para as classes altas, enquanto outros edificaram prédios para habitações coletivas, que passaram a figurar como a principal alternativa para que a população urbana pobre pudesse permanecer na cidade, especificamente no centro, onde estariam próximos das indústrias e de outras possibilidades de trabalho (PECHMAN & RIBEIRO, 1983)

Dessa forma, do início do século XX até a década de 1930, diversas cidades brasileiras tiveram o problema da habitação agravado, com o poder público atuando de maneira pontual e ineficiente. Somente a partir do fim da década de 1930, quando a industrialização e a urbanização do país ganham novo impulso com a Revolução de 30, é que começa a se esboçar uma política para a habitação. É nesse momento, também, que a ciência e a técnica ganham maior importância que os conceitos de embelezamento e os problemas urbanos em geral são colocados na chave do social.

Fica claro, então, que o setor privado não seria capaz de resolver o problema da habitação para as camadas populares e que tal tarefa teria que ser assumida pelo Estado, que passou a sofrer pressões dos trabalhadores e do empresariado (o constante aumento dos alugueis fazia com os trabalhadores reivindicassem melhores salários). Como resposta, o governo propôs o financiamento, por meio dos Institutos de Aposentadoria e Pensão, de casas a serem destinadas ao aluguel.

Tal medida, além de insuficiente para modificar a situação da moradia no Brasil, atendia apenas aos associados dos institutos. Paralelamente à construção de novas unidades habitacionais, o Estado, sobretudo a partir de 1937 com o Estado Novo, passa a tratar os assuntos relativos às favelas e seus moradores como uma questão de polícia, o que levou à realização de diversas remoções, com a adoção de uma política de erradicação de favelas.



**Fig.1: Primeiras casas entregues no Conjunto Habitacional Nova República. Foto: relatório de gestão "10 meses que valem por 4 anos", Cubatão, 12/1985. Fonte: [www.novomilenio.inf.br](http://www.novomilenio.inf.br)**

Na época, a principal marca da política habitacional do período populista foi à criação da Fundação da Casa Popular (FCP), que, apesar dos resultados modestos, foi o primeiro órgão nacional criado para construir residências para a população pobre. A FCP foi criada em 1946 para funcionar como uma resposta social a um contexto de fortes pressões dos trabalhadores.

Na década de 1950 houve um grande avanço da indústria brasileira, com intenso crescimento urbano e intervenções do Estado para adequar o espaço urbano à circulação de automóveis. Porém, a expansão urbana foi marcada por grande desigualdade: a classe média crescia e tinha acesso a financiamentos de apartamentos e a bens duráveis, em quanto que às classes pobres só restavam às favelas e os loteamentos ilegais na periferia.

O problema da escassez de moradia e a inconstância de recursos sempre persistiram, uma vez que o Estado era o principal financiador e a verba para esse órgão dependia da distribuição interna dos recursos e da situação econômica do país (AZEVEDO & ANDRADE, 1982).

Com o golpe militar, em 1964, a FCP foi extinta, sendo criado o Plano Nacional de Habitação, o primeiro grande plano do governo militar. Para além das ações diretamente relacionadas à habitação, o Plano buscava uma maior movimentação da economia, o desenvolvimento do país (geração de empregos, fortalecimento do setor da construção civil etc.) além de controlar a população, garantindo uma estabilidade social. Na concepção de política urbana do governo militar, o planejamento era a solução para o caos urbano, e para controlar o crescimento das favelas e ocupações irregulares. Então se desenvolve, a elaboração e a implementação de planos diretores que, ignoravam as necessidades e problemas das cidades. Para concretizar essa concepção de cidade e de política para habitação, o Banco Nacional de Habitação (BNH) tornou-se o principal órgão da política habitacional e urbana do país. Primeiramente, ele deveria “orientar, disciplinar e controlar o SFH, para promover a construção e a aquisição de casa própria, especialmente pelas classes de menor renda”. (AZEVEDO & ANDRADE, 1982, p. 61).

Porém, as alternativas encontradas pelas famílias pobres eram as favelas e os loteamentos clandestinos das periferias das capitais e das cidades das regiões metropolitanas. Consequentemente, houve, na década de 1970, um grande crescimento dos loteamentos clandestinos nas periferias, devido à possibilidade de acesso à moradia na cidade consistia na combinação entre compra de lotes ilegais ou irregulares (que eram mais baratos) e autoconstrução.

Na década de 1980 a crise financeira compromete mais gravemente os investimentos do SFH, culminando na extinção do BNH em 1986, que transfere para a

Caixa Econômica Federal suas funções. Dois anos após a extinção do BNH houve uma queda drástica nos recursos destinados às COHABs e os financiamentos se concentraram ainda mais na classe média.

## **1.2 Políticas nacionais para habitação a Partir de 1990.**

No Governo Collor (1990-1992), o mais importante programa habitacional lançado foi o PAIH (Plano de Ação Imediata para a Habitação), que propunha o financiamento de 245 mil habitações em 180 dias, mas não cumpriu suas metas. O governo Itamar (1992 a 1994) criou os Programas Habitar Brasil e Morar Município, que tinham como objetivo financiar a construção de moradias para população de baixa renda, a serem construídas em regime de ajuda mútua. Todavia, esses Programas tinham uma padronização excessiva e muitas exigências legais, o que impedia muitos municípios de captarem os recursos disponibilizados. Porém, nesse mesmo governo, temos dois avanços: o primeiro (ainda que associado às exigências das agências internacionais) foi uma mudança conceitual, com incentivo à formação de conselhos e à criação de fundos para habitação; o segundo foi a constituição, em 1992, do Fórum Nacional de Habitação, composto por entidades da sociedade civil, setores do Estado e empresários da construção civil, cujo objetivo era construir uma aliança entre os interesses envolvidos no financiamento, na produção e no uso da moradia.

O período FHC (1995-2002) avançou no reconhecimento da necessidade de regularização fundiária, da ampliação da participação e de uma visão integrada da questão habitacional, porém, essa concepção não foi colocada em prática devido às imposições feitas pelos Bancos Internacionais FMI.

No início dos anos 2000, foi aprovada a Lei Federal 10.257, conhecida como Estatuto das Cidades, que, em linhas gerais, tem como objetivo fornecer suporte jurídico mais consistente às estratégias e processos de planejamento urbano (FERNANDES, 2008),

garantindo a função social da propriedade, o planejamento participativo nas políticas urbanas e o acesso universal à cidade (MORAES & DAYRELL, 2008).

No governo Lula (2003-2010), a principal política para a habitação foi o Programa Minha Casa Minha Vida, do Ministério das Cidades, lançado em abril de 2009 com a meta de construir um milhão de moradias, totalizando R\$ 34 bilhões de subsídios para atender famílias com renda entre 0 a 10 salários mínimos. Além de seu objetivo social, o Programa, ao estimular a criação de empregos e de investimentos no setor da construção, também foi uma reação do governo Lula à crise econômica mundial do fim de 2008. A iniciativa privada é protagonista na provisão de habitações também no Programa Minha Casa Minha Vida.

Por fim, o histórico das políticas nacionais para a habitação mostra como os principais programas nacionais tornaram o problema habitacional - uma obrigação do Estado e um direito - uma questão de mercado (AZEVEDO & ANDRADE, 1982), repassando para o setor privado o protagonismo na produção de habitações a serem financiadas.

Os interesses dos empresários influenciaram, por isso, chegamos hoje a um déficit habitacional dos quais a grande maioria encontram-se nos centros urbanos. Essa situação só incita as diversas lutas sociais e políticas no sentido de garantir o acesso a moradia como também o direito a cidade.



**Figura 2: Projeto Minha Casa Minha Vida PB**  
**Fonte: Paraíba Master, Publicado 19 de Outubro de 2012.**



**Casa de Conjunto no Bairro José Américo, Rua Benicio Gomes De Araújo.**  
**Fonte: Francisco Filho, Data: 10/06/2013.**

## **2 - FORMAÇÃO DO BAIRRO JOSÉ AMÉRICO**

### **2.1 João Pessoa; processo de urbanização.**

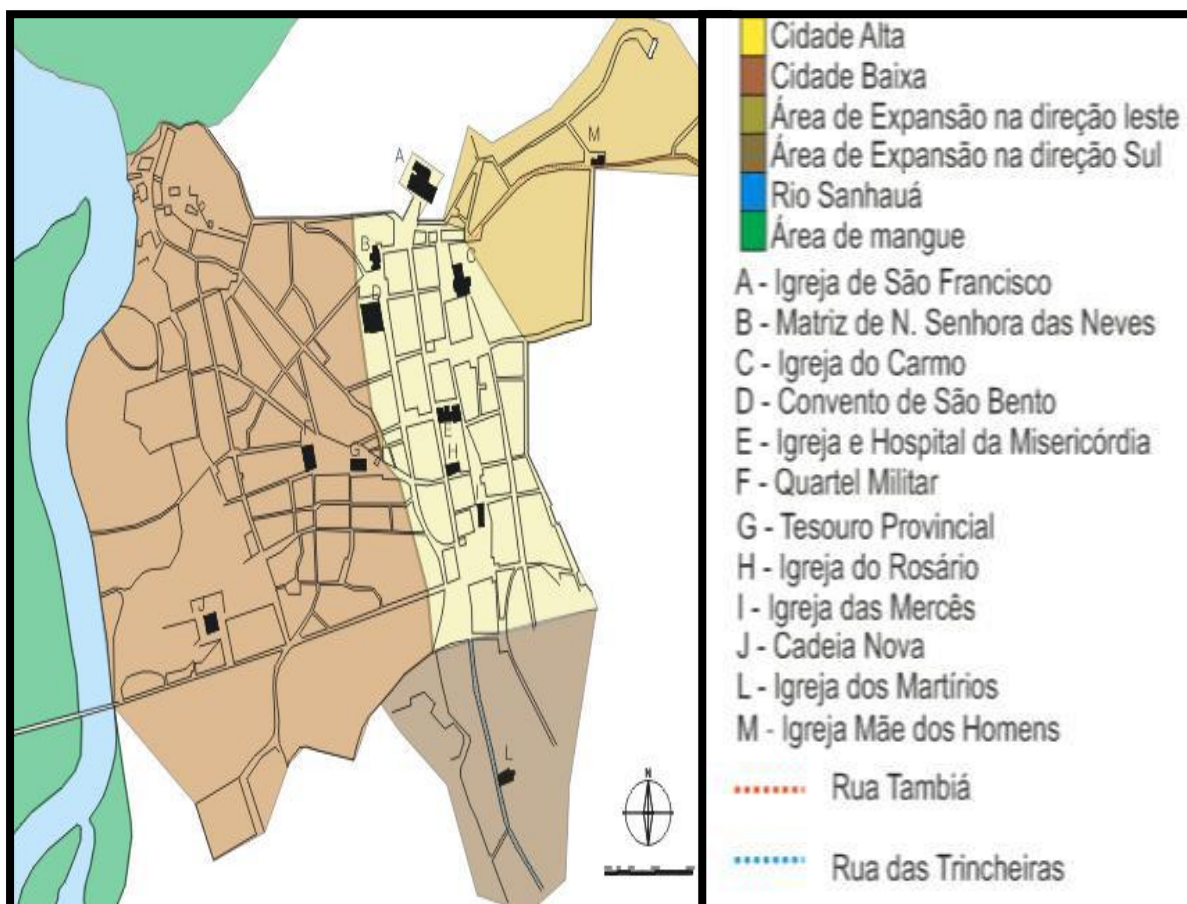
Para entendermos melhor como se deu o processo de urbanização no bairro José Américo, é preciso compreender como aconteceu o processo de urbanização em João Pessoa para isso será feito um breve relato de como ocorreu tal processo na capital.

A cidade de João Pessoa, Capital do Estado da Paraíba, apesar de não ser uma grande Metrópole, tem passado por uma profunda mudança em seu tecido urbano. Foi fundada em 1585, á margem direita do rio Sanhauá. Já nasce enquanto cidade com sua primeira ocupação situada na parte mais alta da colina. O intuito era fixar um ponto estratégico no território conquistado. João Pessoa aproveitava a topografia marcando uma morfologia configurada em cidade alta e cidade baixa e usufruí da geologia que pontuou várias fontes de ressurgência provendo a comunidade de água potável.

Segundo Vidal (2004), os primeiros esforços de modificação na configuração urbana da cidade ocorrem a partir da segunda metade do século XIX, quando os habitantes da cidade passaram a usufruir de incrementos como a água encanada e a energia elétrica na primeira década do século XX.

O limite à expansão urbana da cidade se dava graças a uma área alagadiça situada a Leste da área central da cidade, desta forma, “a sua estrutura urbana apresentava-se limitada pelos vales dos rios Paraíba-Sanhauá, com seus amplos mangues a noroeste e pelo vale do rio Jaguaribe a sudeste, além da reserva da Mata do Buraquinho, também localizada a sudeste.” (MAIA, 2002, p. 17).

Na década de 1850, a Cidade da Parahyba tinha sua dinâmica urbana restrita ainda ao casco original da cidade, como se pode perceber a partir da análise da Figura 03, elaborada em 1855 por Alfredo de Barros e Vasconcelos, a qual nos oferece meios de observar melhor a cidade, visto a ausência de maiores fontes cartográficas.



**Mapa 01: Mapa da Cidade da Parahyba. Fonte: Mapa feito sobre base levantada por Alfredo de Barros e Vasconcelos, 1855. Organização: Maria Simone M. Soares. 2009.**

Percebe-se, a partir da imagem, que a Cidade Alta, em destaque amarelo do mapa, assim conhecida por seu relevo de altitude, centrava as principais edificações, como: a Igreja de São Francisco, a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Neves, a Igreja do Carmo, a Igreja e o Hospital da Misericórdia, a Igreja do Rosário, Igreja das Mercês e o Convento de São Bento. A Cidade Alta, portanto, abrigava os prédios administrativos e religiosos, local estrategicamente escolhido por darem maior destaque e visibilidade às instituições

religiosas e administrativas, ou seja, àquelas que representavam o poder local (TRAJANO FILHO, 2000).

Já a Cidade Baixa, também conhecida como Varadouro encontrava-se situada às margens do Rio Sanhaúa. Nesta área, próxima ao rio habitava a população, os comerciantes e, sobretudo, aqueles que desenvolviam alguma atividade ligada a este recurso natural, ou seja, em suas proximidades foram construídos o porto e a casa de alfândega. Além disso, era na Cidade Baixa que se localizava a Cadeia Nova, o Quartel Militar e o prédio do Tesouro Provincial. Desta forma, esta porção da cidade apresentava-se como “um misto de área residencial e comercial, que abrigava os principais estabelecimentos comerciais e as residências de alguns comerciantes, além do porto” (TRAJANO FILHO, 2000).

A referida área, conhecida como Lagoa dos Irerês, foi urbanizada na década de 1930 quando se instalou um projeto assinado pelo engenheiro sanitarista Saturnino de Brito, que visava à ampliação da rede de abastecimento de água, implementação do serviço de saneamento, urbanização da lagoa, abertura e alargamento de novas ruas na cidade. Esta urbanização favorece, portanto, a expansão da cidade em direção ao litoral.

O processo de expansão da cidade no sentido leste se dá, então, a partir da urbanização da Lagoa dos Irerês, a qual passou, com a República, a ser denominada Parque Sólon de Lucena. Este serviço influenciará a abertura da Avenida Epitácio Pessoa, nos levando a destacar o crescimento da cidade do “rio ao mar”, ou seja, das margens do Rio Sanhaúa em direção ao mar, portanto, de oeste para leste.

A segunda metade do século XX representou um novo momento para o urbanismo e a arquitetura em João Pessoa a partir do desenvolvimento industrial subsidiado pelas ações da SUDENE, dos financiamentos do BNH para construção de habitação e da participação da iniciativa privada como promotora da renovação da arquitetura local,

quando o ideário de modernidade vem acompanhado com um novo tipo de construção – o prédio alto – e um novo modo de morar. Com o desenvolvimento da indústria, a cidade materializou-se como o ambiente adequado ao homem moderno, dinâmico e sempre sedento de novidade, desejando a superação do antigo pelo novo, entrando em um ciclo vicioso que, na mesma medida em que move o espírito humano em busca de novas conquistas, é a fonte de sua tormenta e inquietação, resultado de um estado constante de transitoriedade.

## **2.2 A historicidade e a construção do Bairro José Américo-PB.**

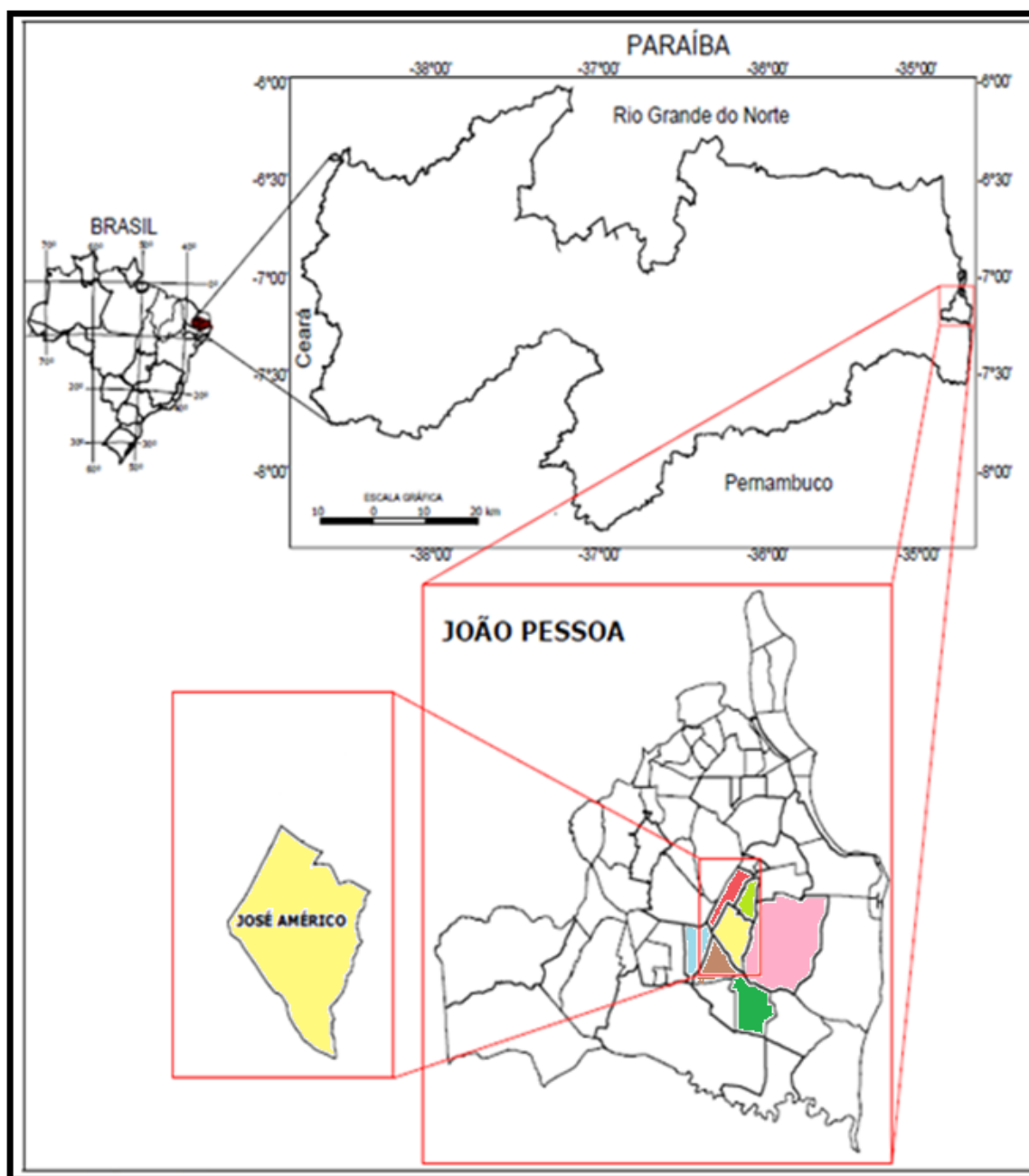
A parceria firmada entre o Governo do Estado da Paraíba e o Governo Federal, em 1978, na gestão do Governador Ivan Bichara Sobreira, permitiu a construção dos conjuntos residenciais Castelo Branco II, Ernesto Geisel, Ernani Sátiro e José Américo, período no qual se dá o início da transformação da paisagem nesse último bairro.

O conjunto residencial José Américo, inicialmente era composto por 874 unidades habitacionais com investimentos do SFH (Sistema Financeiro de Habitação). Essas unidades ocupavam uma área que antes era constituída por plantações, resquícios de Mata Atlântica, e algumas fazendas.

O Conjunto José Américo, assim como outros conjuntos habitacionais, deixou de ser denominado como tal para ser denominado de Bairro, pelo Projeto de Lei n.º 1574, de 04 de setembro de 1998, aprovado pela Câmara Municipal de João Pessoa.

Recebeu esse nome em homenagem ao político e escritor paraibano de mesmo nome (José Américo de Almeida).

### 2.3 Localização da área de estudo.



#### LEGENDA

	<b>JOSE AMÉRICO</b>		<b>GEISEL</b>
	<b>MANGABEIRA</b>		<b>CUIÁ</b>
	<b>CIDADE DOS COLIBRIS</b>		<b>VALENTINA</b>
	<b>AGUÁ FRIA</b>		

Mapa 2 – Localização da área de estudo.

Fonte: Cadernos do Logepa, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011, ISSN: 2237-7522. Jussara Freire de Souza, Richarde Marques da Silva.

O bairro José Américo situa-se na zona sul do município de João Pessoa, e faz limite com o bairro de Mangabeira a Leste, Ernesto Geisel e Cuiá a Oeste, ao Norte com os bairros de Cidade dos Colibris e Água Fria, e ao Sul com o bairro do Valentina (Figura 4).

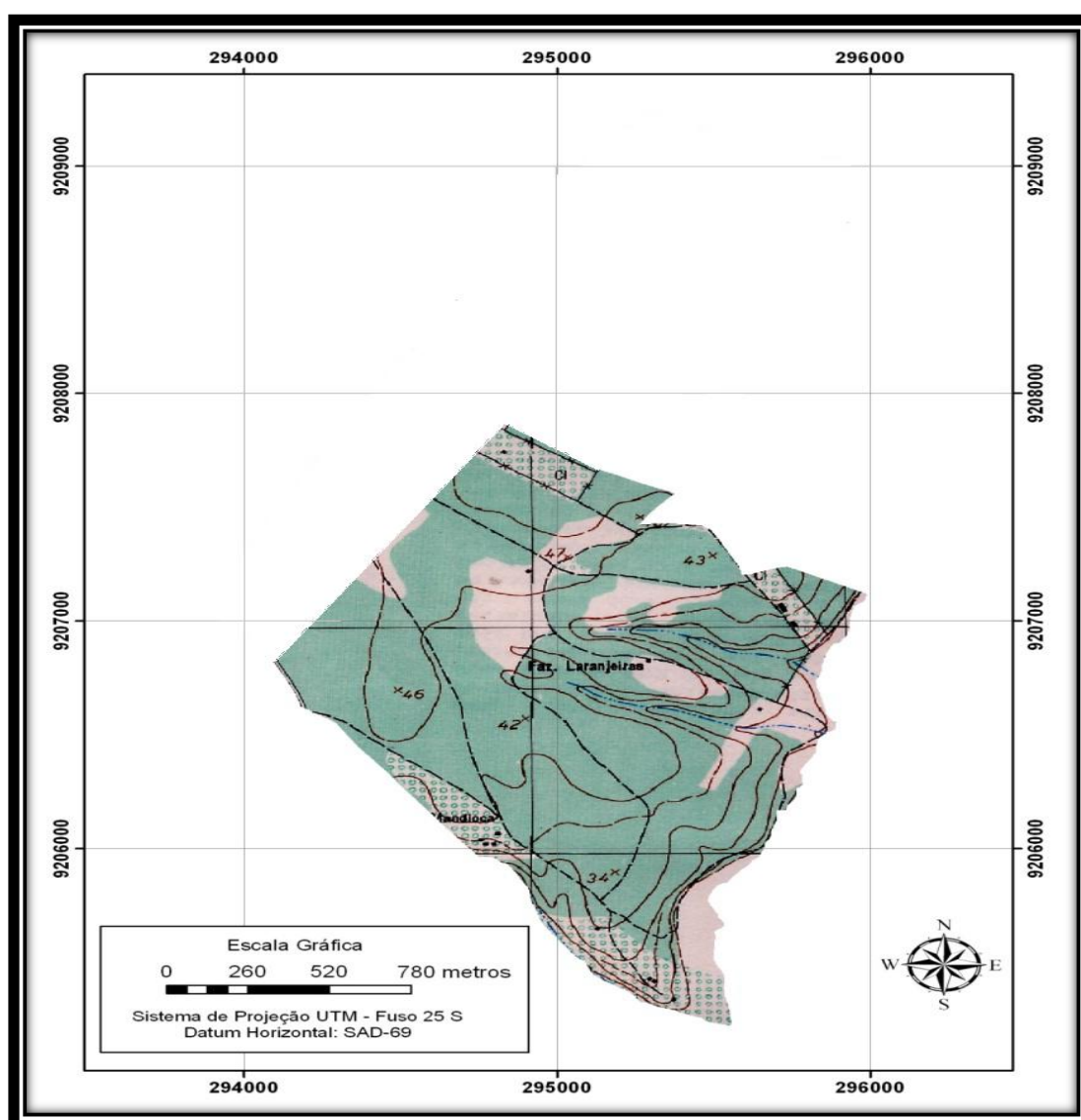
A BR-230 e a Avenida Hilton Souto Maior constituem as principais vias de acesso ao bairro, sendo importantes corredores de acesso aos bairros Mangabeira, Água Fria, Geisel, Cristo Redentor, Jardim Cidade Universitária, e Bancários, e também a algumas praias do Litoral Sul, como: Praia do Sol, Barra de Gramame e Jacarapé.

O clima da região é o tropical úmido, com insolação relativamente elevada e estação seca pouco marcada. A média anual de temperatura está entre 22° a 33° C e a média pluviométrica anual é de 1.700 mm, sendo relativamente elevada. O relevo é relativamente plano, porém, no bairro existem trechos com declividades acentuados, situados na porção sul do bairro, próximos ao rio Laranjeiras, desfavorecendo a construção de edificações. A vegetação era constituída por resquícios de mata atlântica com espécies de pequeno porte, com algumas árvores frutíferas e pequenas plantações. Atualmente, a vegetação se restringe a poucas e esparsas árvores, com exceção de áreas próximas às margens do Rio Laranjeiras.

#### **2.4 Evoluções da Paisagem no Bairro José Américo.**

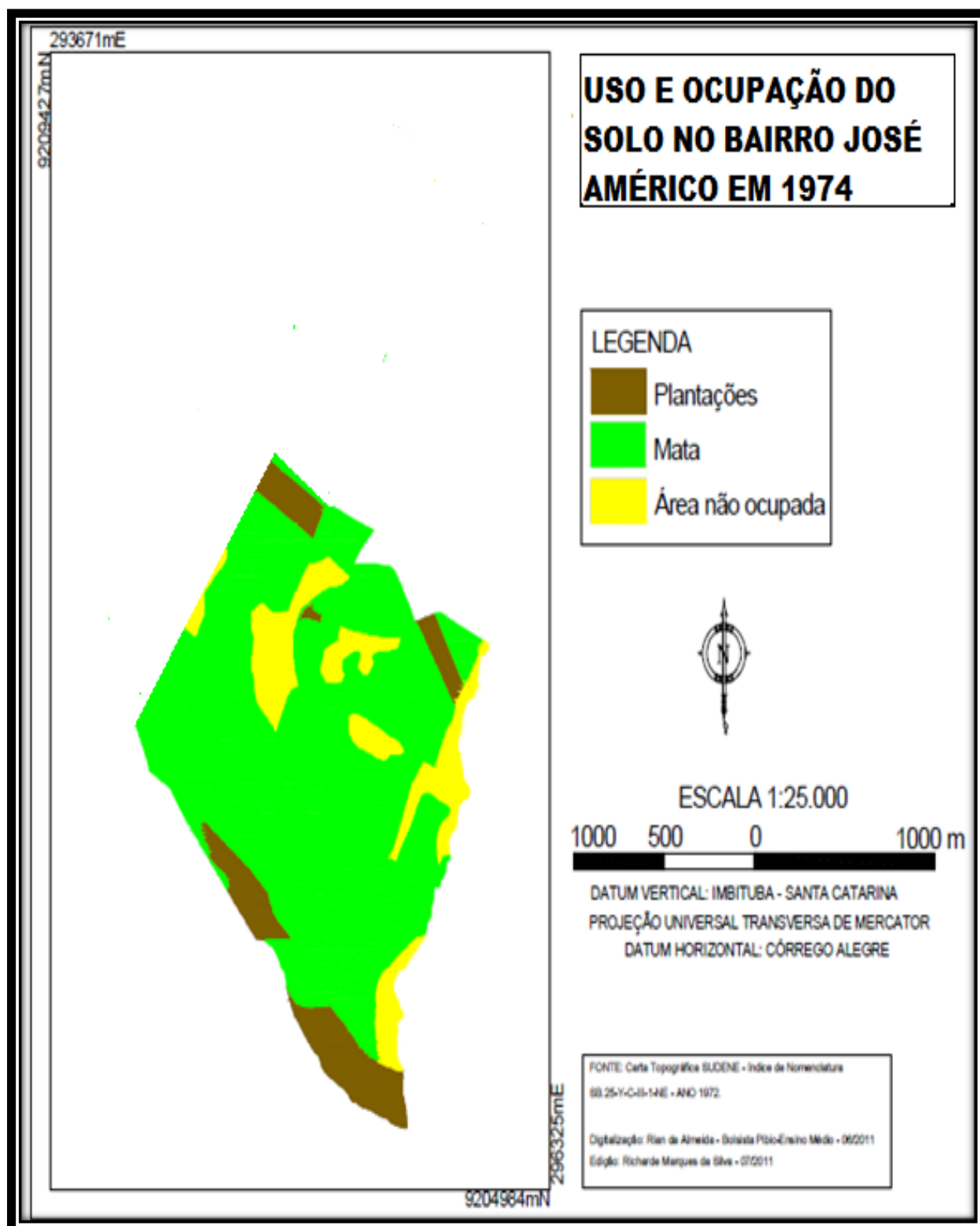
Para melhor entender as transformações e a dinâmica da área de estudo, optou-se por dividi-la em unidades básicas de paisagem, pois se acredita ser essa a forma mais eficaz para um aprofundamento dos estudos sobre a evolução urbana. Entender a dinâmica atual sem estudar as transformações pontuais e o histórico dessas unidades seria uma tarefa incompleta, por isso dividi-las em setores menores é uma medida eficiente no que se refere ao estudo de uma paisagem.

As Figuras 5 e 6 apresentam no formato matricial e vetorial, o uso e ocupação do solo na década de 1970, do Bairro José Américo. A Figura 3 mostra o recorte da área de estudo obtida através da carta topográfica da SUDENE, folha Nossa Senhora da Penha. A carta foi digitalizada e georreferenciada em ambiente SIG (Sistema de Informações Geográficas). Em seguida a imagem foi recortada tendo como fronteira o limite do bairro. Então foi realizada a vetorização do uso e ocupação do solo no bairro. A Figura 4 mostra os resultados da vetorização do uso e ocupação do solo identificado para a década de 70.



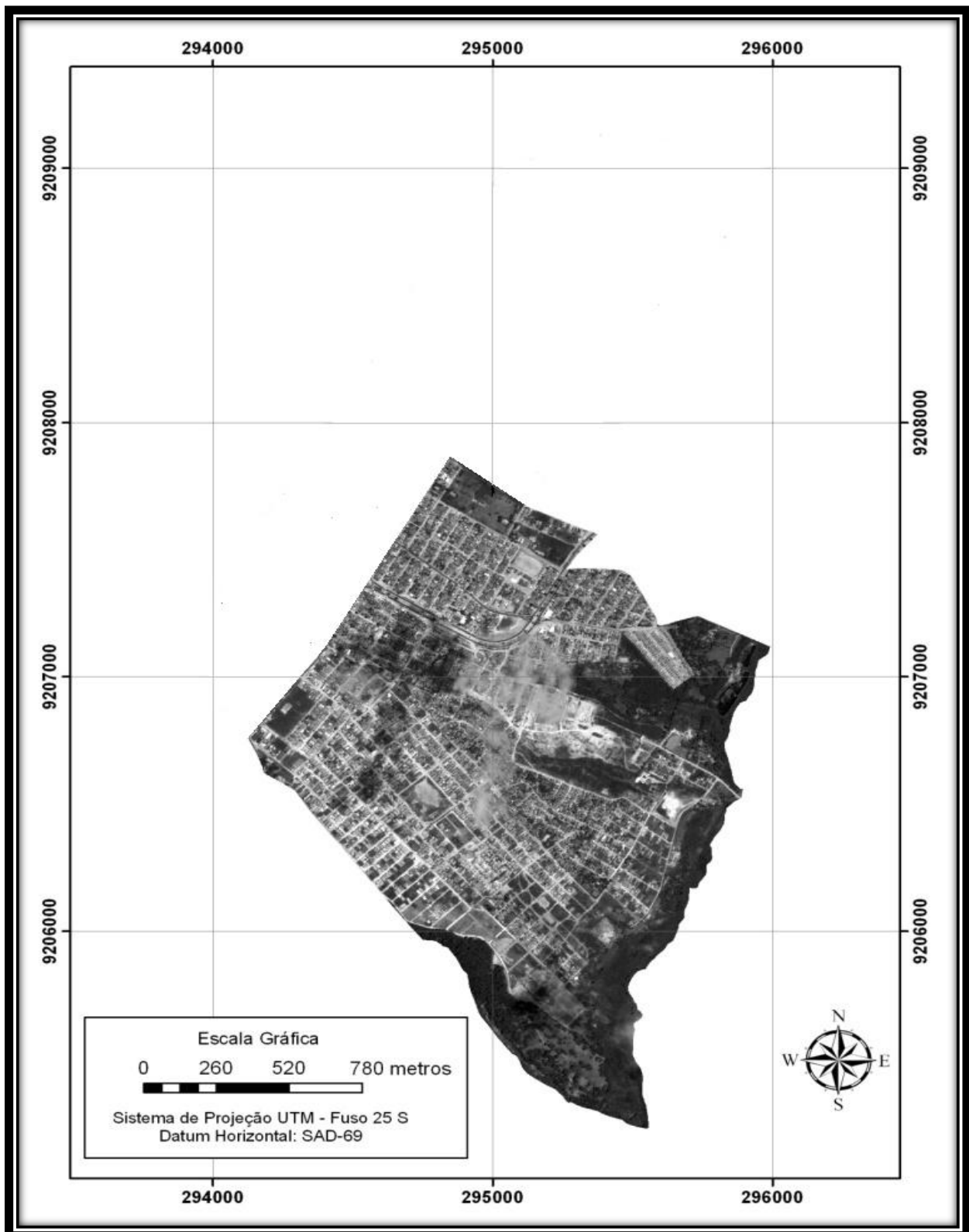
**Mapa 3 – Carta Topográfica do Bairro José Américo na década de 1970.**

**Fonte:** Cadernos do Logepa, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011, ISSN: 2237-7522. Jussara Freire de Souza, Richarde Marques da Silva.



**Mapa. 4 – Imagem digitalizada do Bairro José Américo no período de 1970.**

**Fonte:** Cadernos do Logepa, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011, ISSN: 2237-7522. Jussara Freire de Souza, Richard Marques da Silva.



**Mapa 5: Imagem de satélite do bairro José Américo para o ano de 2010.**

**Fonte:** Cadernos do Logepa, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011, ISSN: 2237-7522. Jussara Freire de Souza, Richarde Marques da Silva.

Percebe-se que atualmente a área se transformou bastante quando comparada com década de 70. Percebe-se que a área hoje é constituída quase totalmente por áreas residenciais, comerciais e de serviços, apresentando alguns espaços vazios e de mata. Nota-se que há um maior agrupamento de área construída na porção central do bairro. Deve-se ressaltar que a paisagem desse bairro se transformou devido à dinâmica externa de João Pessoa, resultado do aumento populacional da cidade e do surgimento de novos bairros, que favoreceu o aparecimento de equipamentos urbanos diversificados, principalmente, aqueles ligados ao terceiro setor, e, sobretudo, à ocupação populacional.

### **2.5 A morfologia urbana do Bairro José Américo.**

A morfologia urbana do Bairro José Américo é simples, onde praticamente em quase toda sua totalidade serve de moradia. Por tanto o bairro é classificado em residencial, aquele no qual prevalecem as residências.

O bairro vem passando por constantes mudanças no seu aspecto físico, muitos prédios em construção e empreendimentos se inserindo no local. Dificilmente é visualizado no bairro um aglomerado de moradias, mas existe, na comunidade Laranjeiras, lá é bem comum encontrarmos esses aglomerados, fica localizado no limite entre os bairros José Américo e Mangabeira, no local há um declive no nível do solo o que ocasiona construções irregulares.

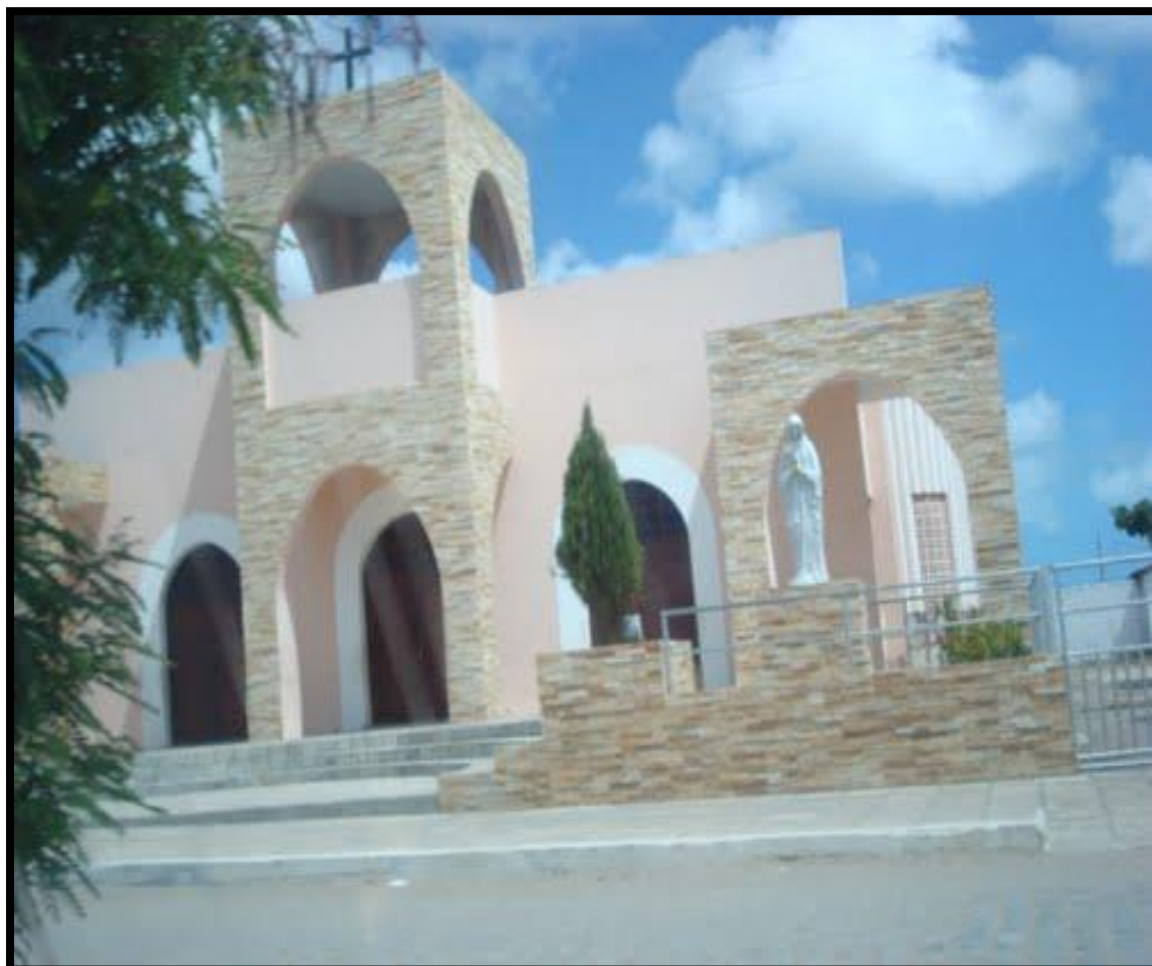
Muitas pessoas estão procurando o bairro como moradia, devido a sua centralidade em relação aos bairros da zona sul, onde fica próximo a pontos importantes de João Pessoa como: BR - 230, Universidades, Prefeitura, Praias, entre outros. Muito ainda deve ser feito em sua infraestrutura, mas o bairro vem melhorando nesse aspecto.

Sua principal via de acesso é a Avenida Hilton Souto Maior, que liga a Br-230 ao Bairro de Mangabeira. A pavimentação dessa avenida fez com que o bairro conseguisse se desenvolver mais em relação a sua infraestrutura.



**Figura 3: Avenida Hilton Souto Maior Bairro José Américo  
Foto: Francisco Vieira (23/08/2013).**

A Paróquia São José serve de ponto de referência para muitos que não frequentam o bairro, isso se deve pelo fato de ser um grande símbolo do bairro e esta localizada em sua centralidade.



**Figura 4: Paróquia São José, ponto de referência do Bairro José Américo.  
Foto: Francisco Vieira (23/08/2013).**

Outro empreendimento que chama atenção no bairro é o Cemitério Parque das Acácias que foi fundado em agosto de 2001 pela MJ Construtora. É o primeiro cemitério particular em estilo Americano da Paraíba. Está localizado numa região que inspira tranquilidade. O local é circundado por ruas pavimentadas, com canteiros de flores naturais e iluminação a mercúrio, além de placas indicativas com manutenção e conservação permanentes.

O Cemitério Parque das Acácias tem uma infraestrutura completa, amplo estacionamento interno e externo, segurança 24 horas, além de lanchonete, floricultura e salas de velórios com suítes para repouso e conforto dos familiares e visitantes. Com uma moderna técnica de administração de cemitérios, o Parque das Acácias surgiu para suprir a falta de vagas nos cemitérios da capital paraibana.

O cemitério foge do tradicionalismo e da visão fúnebre dos cemitérios tradicionais. João Pessoa era a única capital do Brasil que não possuía um cemitério estilo parque. O estilo americano (tipo tapete) preza pela padronização do local, já que todas as lápides são iguais e produzidas pelo próprio cemitério.



**Figura 5: Cemitério Parque das Acácias, R.Est. Luiz de Lima Freire, Bairro José Américo. Imagem: Google Earth (23/08/2013).**

### **3 – CARACTERÍSTICAS GERAIS DA ÁREA DE ESTUDO.**

#### **3.1 A população do José Américo.**

O Conjunto José Américo conta atualmente com uma série de equipamentos urbanos, podendo estes exercer forte influência sobre as migrações ocorrentes. Foi constatado que grande parte da população entrevistada tanto em residências regulares como em aglomerados subnormais, não é natural do município de João Pessoa e sim migrantes de outras regiões do estado como, a zona da mata, o agreste ou sertão.

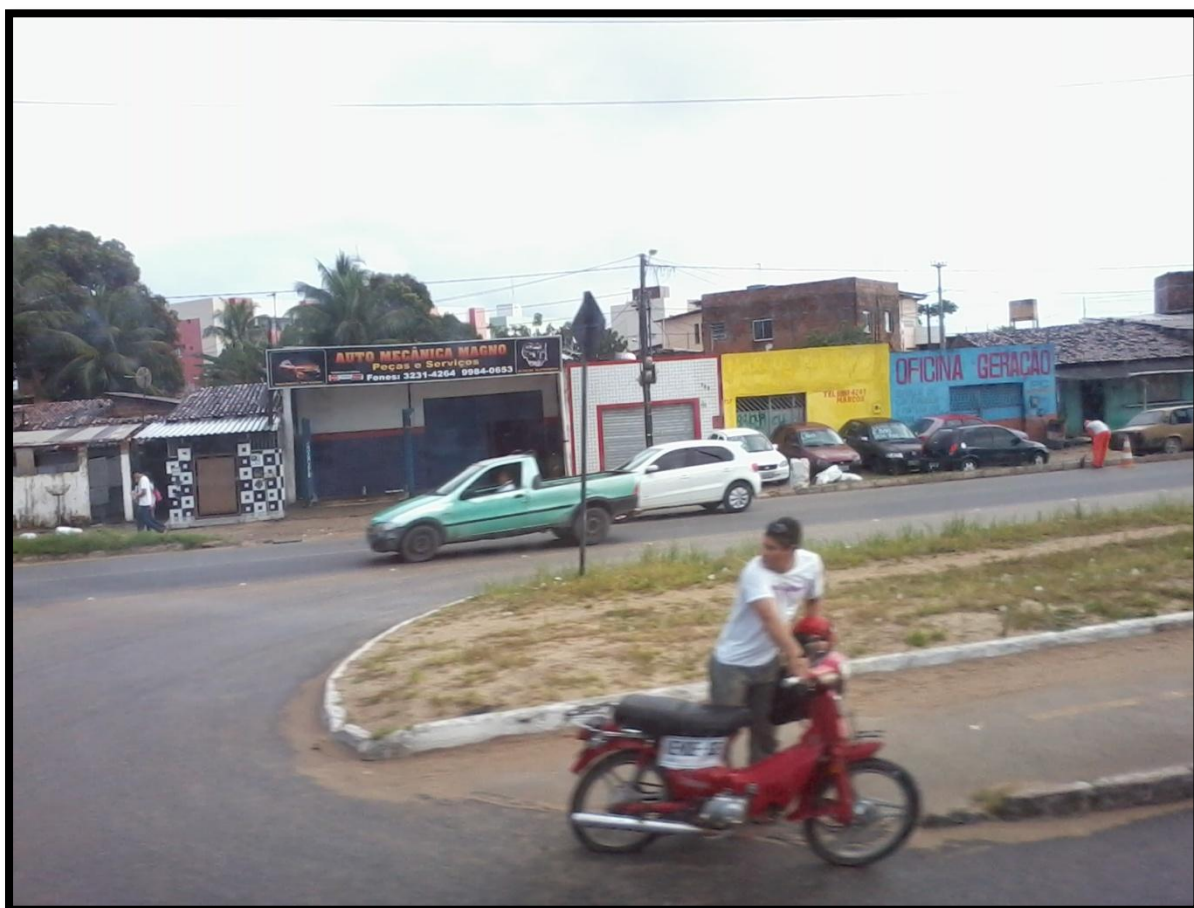
Muitos aposentados residem no Bairro o que deixa o clima um pouco interiorano, ou seja, não se vê aquela agitação geralmente vistas em outros bairros, a partir das dez da noite dificilmente alguém está conversando nas calçadas coisas desse tipo, isso se deve também a violência.

Além das famílias de classe média, podemos constatar a precariedade no nível de vida de algumas outras, pois os baixos salários impossibilitam que estas tenham acesso à educação e saúde de qualidade, ou mesmo a outras necessidades básicas como alimentação adequada ou moradia.

Algumas dessas famílias sem rendimento ou que recebem apenas um salário mínimo, contam com ajuda financeira do governo como bolsa escola e bolsa família. Vale ressaltar que nem todas conseguem receber esse auxílio, e que muitas, há algum tempo, almejam receber sem conseguir êxito. Para se ter uma idéia das dificuldades que estas famílias enfrentam no seu dia a dia, quando perguntados se a ajuda financeira do governo trouxe melhorias, foram unânimes em informar que sim.

### 3.2 As atividades econômicas.

Por se tratar de um bairro que está próximo a Mangabeira e Bancários que possuem comércios bastante desenvolvidos, sua área comercial é pouco desenvolvida, possuindo apenas alguns pequenos empreendimentos para facilitar a vida das pessoas que ali moram, estabelecimentos que por sua vez possuem variados gêneros: confecções, restaurantes, padarias, lanchonetes, mercadinhos, supermercados, açougues, escolas e creches particulares, depósitos de material de construção, depósitos de bebidas, farmácias, salões de beleza, bares, postos de combustíveis, motéis e um pequeno aglomerado de oficinas.



**Figura 6: Pequeno aglomerado de oficinas na Av. Hilton Souto Maior, B. José Américo. Foto: Francisco Vieira (23/08/2013).**

Não chega a ser um bairro de consumo em massa, mas os estabelecimentos citados conseguem sobreviver e abastecer a demanda da população da localidade. Inclusive a espaço para a entrada de novos empreendimentos de grande porte.

### **3.3 Ocupações irregulares do Bairro José Américo.**

É comum atribuir às áreas mais pobres e afastadas do bairro ou da própria cidade o nome de “favela” ou “periferia”. No entanto, sabe-se que na geografia existem definições e inúmeras discussões sobre este tema.

No bairro temos um aglomerado suburbano ou favela que é denominado de comunidade Laranjeiras. Podemos compreender sua estrutura mais complexa dentro da lógica urbana, como lugar onde estão as maiores problemáticas sociais e onde a pobreza aflora de modo contundente. Como diz Santos (1989): “Favela é um habitat clandestino, geralmente se constitui em terrenos públicos ou abandonados” (p. 191).

Rodrigues (2003) define favela como: “[...] uma ocupação juridicamente ilegal de terras”. Terras sem uso, em geral do Poder Público são ocupadas pelas famílias sem terras e sem teto [...]” (p. 36). Ou seja, ela se constitui no conjunto de habitações de pessoas pobres que não possuem moradia ou que vêm do interior do estado ou de outras áreas sem condição de adquirir casa própria e que seus domicílios estão em áreas não apropriadas, caso ocorrido na Comunidade Laranjeiras.

Nos estudos sobre a comunidade Laranjeiras encontramos várias problemáticas que se referem à sua área, nela como na grande maioria das comunidades (favelas), podemos observar algumas de suas características mais típicas, como: pior acesso à infraestrutura, menor renda da população, maiores percursos para o trabalho, alto índice de analfabetismo,

muitos vivem a mercê da criminalidade, etc., esses fatores apresentam condições adicionais de exclusão urbana.

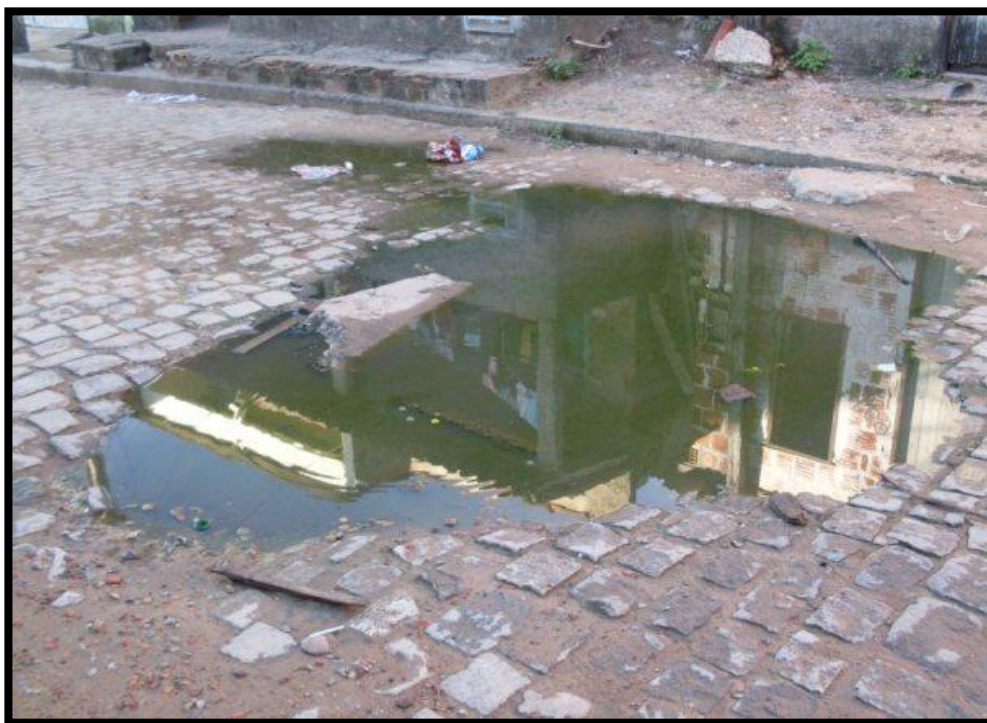


**Figura 7: Comunidade Laranjeira, rua S/Nº, Bairro José Américo.  
Foto: Francisco Vieira (19/08/2013).**

### 3.4 As deficiências dos equipamentos urbanos.

Equipamento urbano, segundo a norma brasileira NBR 9284, é um termo que designa todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinada à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados. Segundo a Lei Federal 6.766/79, consideram-se urbanos os equipamentos públicos de abastecimento de água, serviços de esgotos, energia elétrica, coletas de águas pluviais, rede telefônica e gás canalizado.

Atualmente todo bairro, excetuando-se às áreas subnormais é pavimentado, possui rede de esgoto, bem como abastecimento de água e energia elétrica. A coleta do lixo é feita regularmente em dias alternados. Algumas áreas onde não possui rede de esgotos, evidenciamos córregos a céu aberto exalando mau cheiro, além de contribuir para facilitar a contaminação de uma série de enfermidades.



**Figura 8: Esgoto a céu aberto, R. Rosa de Paula Barbosa, Bairro José Américo. Foto: Francisco Vieira (19/08/2013).**

No que diz respeito ao transporte público de massa, o bairro como todos os outros encontram dificuldades de comodidade, o que se vê são ônibus lotados principalmente nos momentos de pico (6hrs às 8hrs e 17hrs às 19hrs), o descaso que se vê é muito grande, pois os impostos aumentam anualmente e as coisas para o trabalhador só pioram.

No bairro circulam várias empresas de transporte, como a Transnacional com as linhas 5605, 203, 209, 2514, 2515, a Santa Maria com as linhas circulares 1510 e 5110 e a empresa Reunida, que opera a principal linha do bairro a 107-José Américo. O seu terminal é localizado no Colibris, a linha segue por Água Fria, José Américo, Geisel, passando pelo Atacadão via BR-230, chegando assim em Cruz das Armas, onde prossegue todo o corredor até a Lagoa e Integração do Varadouro.

Outro problema relacionado ao transporte é sem dúvidas o caos que João Pessoa enfrenta no trânsito, sem vias alternativas. Na principal entrada do bairro o Viaduto Cristo Redentor (“Sonrisal”) o trânsito está inevitável e mesmo com a implantação de rotatórias não se vê melhorias. Obras antes pensadas como soluções para o trânsito de João Pessoa consistem hoje em mais dor de cabeça para quem tem que passar pelos principais corredores da cidade nos horários de pico, revelando o que é claro para diversos especialistas a Capital não tem vias alternativas para escoar o fluxo crescente de veículos, sendo quaisquer obras insuficientes para resolver o problema de forma permanente, se não for priorizado o transporte coletivo.



**Figura 9: Viaduto Cristo Redentor (“Sonrisal”), principal acesso ao bairro José Américo. Foto: Francisco Vieira (15/08/2013).**



**Figura 10: BR-230 Viaduto Cristo Redentor, ou “Sonrisal” João Pessoa Paraíba.  
Fonte: [www.panoramio.com](http://www.panoramio.com) (© Todos os direitos reservados por Been Bem)**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos desenvolvidos, pode-se concluir que o processo de urbanização na área de estudo ainda é intenso e crescente, segundo a percepção da paisagem, e conseqüentemente também a sua população.

Os resultados mostraram que entre a década de 1970 e os dias atuais, o bairro teve uma mudança significativa na paisagem, com crescimento de 100% de área urbana e diminuições das áreas desocupadas, mata e plantações. Conclui-se que o processo de urbanização na área de estudo ainda foi intenso, seguindo o crescimento urbano da cidade de João Pessoa, transformando o quadro natural da paisagem para uma área quase totalmente urbana.

O crescimento urbano na cidade de João Pessoa, por apresentar muito tardiamente sua legislação de disciplinamento urbanístico, somente em 1975 com o primeiro Plano Diretor e seus códigos decorrentes, ficou à mercê da especulação imobiliária. Observamos uma maior ocupação do solo urbano, influenciada pelo mercado imobiliário e pelas políticas de expansão do Estado. A partir das políticas de expansão do Estado, foram surgindo novos bairros, inclusive o bairro do José Américo.

O bairro do José Américo cresceu e se expandiu a partir dos projetos de Políticas públicas habitacionais, apoiados por vários órgãos.

Nas Figuras apresentadas é possível observar a ocupação do solo no bairro de uma forma expansiva, demonstrando também que essas áreas ainda dispõem de espaços “vazios” que poderão ser utilizados pelo mercado imobiliário para a construção de residências ou de possíveis serviços que servirão á população local.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e Emoção.** São Paulo: \_\_\_\_\_.
- \_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987. (Coleção Espaços).
- \_\_\_\_\_. **Pobreza urbana.** [S.I]: Hucitec/UFPE/CNPU, 1978. (Coleção Estudos Urbanos).
- \_\_\_\_\_; ANDRADE, Luis Aureliano G. de. **Habitação e poder – da Fundação da Casa Popular ao Banco Nacional de Habitação.** Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1982.
- AZEVEDO, Sérgio. **A crise da política habitacional: dilemas e perspectivas para o final dos anos 90.** In. AZEVEDO, Sérgio de; ANDRADE, Luis Aureliano G. de (orgs.). **A crise da moradia nas grandes cidades – da questão da habitação à reforma urbana.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ.1996.
- BANCO NACIONAL DE HABITAÇÃO. **Projetos sociais.** Rio de Janeiro. BNH, 1979.
- BRASIL. **Lei Federal nº 4.380 ART.1º.** Institui a correção monetária nos contratos imobiliários de interesse social. 1964.
- Cadernos do Logepa, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011, ISSN: 2237-7522.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.
- Edusp, 2002. 84 p.
- FERNANDES, Edésio. “Do código civil ao Estatuto da Cidade: algumas notas sobre a trajetória do Direito Urbanístico no Brasil”. In VALENÇA, Marcio (org.). **Cidade (i) legal.** Rio de Janeiro, Mauad X, 2008, p. 43 – 62.
- IMAGEM, Google Earth, 7°10'19.08" S 34°51'15.05" W (Abril, 2013).
- Jussara Freire de Souza, Richarde Marques da Silva.
- MAIA, D. S. **Notas sobre o crescimento de João Pessoa. Revista Conhecendo a Paraíba.** Ano 01. N. 01. 2ª Edição. UFPB/LOGEPA: João Pessoa, 2002.

MARICATO, Ermínia. Brasil 2000: qual planejamento urbano? Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, Ano XI, n. 1 e 2, p. 113-130, 1997.

MORAES, Lúcia; DAYRELL, Marcelo. Direito Humano à moradia e terra urbana. Curitiba. 2008. [Cartilha]

PASSOS, M. M. Biogeografia e paisagem. 1. Ed. Presidente Prudente: UNESP, 1988.

PECHMAN, Robert M.; RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz. O que é questão da moradia. Coleção Primeiros Passos, nº92. São Paulo: editora Brasiliense. (1983)

RODRIGUES, A. M. **Moradia nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto, 2003. 102 p.

SANTOS, M. **A urbanização desigual. A especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos**. Petrópolis: Vozes, 1982. 125 p.

SILVA, Ligia Maria Tavares Da. Características da urbanização na Paraíba. Revista Caderno do Logepa Série Texto Didático. Ano três Números. 5 – Jul/Dez de 2004.

SOUZA, Jussara Freire de. A Evolução urbana de João Pessoa e o processo de Urbanização dos Bairros de Água Fria e José Américo. Monografia de Especialização (Ciências Ambientais). João Pessoa: CINTEP, 2011.

TRAJANO FILHO, Francisco S. Do Rio ao Mar: Uma leitura da cidade de João Pessoa entre duas margens. In: TINEM, Nelcí (Org.) **Fronteiras, Marcos e Sinais. Leitura das ruas de João Pessoa**. João Pessoa: UFPB, 2006.

VIDAL, WylInna. **Transformações Urbanas: a modernização da capital paraibana e o desenho da cidade (1910 – 1940)**. João Pessoa, 2004. Dissertação de Mestrado em Engenharia Urbana – Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Prof. Alberto José de Souza.